

**SÉRIE TEXTOS DE DISCUSSÃO CEAG/UnB**

**005/15**

**0017**

**Estado, crescimento e tecnologia na América  
Latina. Uma reflexão sobre o capitalismo  
periférico latino americano.**

**Luiz Guilherme de Oliveira e Maurício Ebling**

**Centro de Estudos Avançados de Governo e de  
Administração Pública - CEAG**

**Brasília**

**2015**



**Universidade de Brasília**

**Reitor** Ivan Marques de Toledo Camargo



**Centro de Estudos Avançados de Governo e  
Administração Pública**

**Coordenador** Paulo Carlos Du Pin Calmon

**Laboratório de Análise de Políticas Públicas do  
CEAG (LAPP/CEAG)**

O Laboratório de Análise de Políticas Públicas do CEAG (LAPP/CEAG) é formado por professores e alunos da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FACE/UnB), Instituto de Ciência Política (IPOL/UnB) e Faculdade de Tecnologia (FT/UnB). Seu objetivo é desenvolver atividades de pesquisa sobre temas relacionados à avaliação e análise de políticas econômicas e sociais. Com esse intuito o grupo apoia o desenvolvimento de pesquisas fundamentadas em diferentes abordagens metodológicas, estimula a elaboração de artigos, dissertações e teses, promove encontros acadêmicos e incentiva a participação de seus pesquisadores em eventos científicos no Brasil e no exterior.

**Textos para Discussão (TD)**

**Estado, crescimento e tecnologia na  
América Latina. Uma reflexão sobre o  
capitalismo periférico latino americano.**

**Luiz Guilherme de Oliveira e Maurício Ebling**

**Editor:** Luiz Guilherme de Oliveira

Publicação cujo objetivo é divulgar resultados de estudos desenvolvidos por pesquisadores do CEAG da Universidade de Brasília (UnB).

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e de inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do CEAG/UnB.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

<http://www.ceag.unb.br/ceag/public/biblioteca/index/tema/padrao/tipo/TD>

# **Estado, crescimento e tecnologia na América Latina. Uma reflexão sobre o capitalismo periférico latino americano.**

Luiz Guilherme de Oliveira<sup>1</sup>

Mauricio Ebling<sup>2</sup>

## **Introdução**

O capitalismo periférico latino americano pouco se assemelha ao capitalismo ocidental. A trajetória de consolidação de ambos possuem elementos distintos, onde o que chama mais a atenção é a lógica da presença da firma privada e do Estado. Neste sentido, é interessante considerar as interpretações sobre a consolidação do capitalismo ocidental à luz dos pensamentos de alguns economistas como Adam Smith, David Ricardo, Veblen e Schumpeter. Por sua vez, no capitalismo periférico é importante resgatar a forte influência da Abordagem Cepalina, a partir de sua perspectiva histórica e sua abordagem atual denominada “neo estruturalismo”. Desta forma, o argumento deste trabalho é que a dinâmica do capitalismo ocidental repousa em uma lógica “**firmocêntrica**” enquanto que a dinâmica do capitalismo periférico latino americano repousa em uma lógica “**estadocêntrica**”, seguindo a linha de raciocínio já determinada por Wallich (1958).

## **1) Desenvolvimento tecnológico no capitalismo ocidental, a inovação no Centro**

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade de Brasília e Pesquisador do CEAG, Universidade de Brasília - UnB.

<sup>2</sup> Aluno de doutorado do Programa de Pós-graduação do Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas (CEPPAC), Universidade de Brasília - UnB.

O processo de desenvolvimento tecnológico esta fortemente relacionado com o padrão de evolução, e mutação, do capitalismo. Porém, é no capitalismo ocidental que esta relação ganha maior dinamismo e relevância. A observação da importância da técnica, ou do “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”<sup>3</sup>, no meios de produção, já se manifestam no trabalho de Adam Smith<sup>4</sup>, de 1776, quando da descrição da linha de produção de alfinetes e o conseqüente aumento de produtividade, oriundo desta forma de organização e divisão do trabalho. Outro ponto importante na obra de Smith, relacionado ao desenvolvimento da técnica, é a afirmação sobre o “filosofo ou homens de pensamento, cujo o ofício não consiste em fazer alguma coisa, mas em tudo observar; e que, por isso mesmo, são muitas vezes capazes de combinar as aptidões de objectos muito distantes e dissemelhantes” (Smith, 1981: 88). Cabe destacar que para Smith o processo de incorporação de conhecimento já se apresenta como um fator determinante para o desenvolvimento de novas técnicas, que posteriormente, se materializam em inovações de processo ou de produto.

Esta lógica de constante busca por inovações técnicas passa a pautar o padrão de comportamento do capitalismo ocidental. É neste sentido, de rápida incorporação da técnica ao meio de produção, que o trabalho de David Ricardo<sup>5</sup>, de 1817, se baseia ao apresentar a lógica das vantagens ricardianas, o que acaba por pautar as discussões sobre comércio internacional até nossos dias.

Posteriormente, no início do século 20, Thorstein Veblen apresenta sua interessante abordagem, através de suas duas principais obras *The Theory of Business Enterprise*, de 1904, e

---

<sup>3</sup> Para uma compreensão sobre “núcleo endógeno de dinamização tecnológica” sugere-se Rodríguez (2009: 516).

<sup>4</sup> Adam Smith, “Inquérito sobre a Natureza e as causas da Riqueza das Nações”.

<sup>5</sup> Davis Ricardo, “Princípios de Economia Política e de Tributação”.

*Imperial Germany and the Industrial Revolution*, de 1915, onde destaca a importância das instituições para a constituição de uma “ambiência” capaz de agilizar o processo de desenvolvimento técnico.

Porém, é com os trabalhos de Joseph Schumpeter que o tema sobre incorporação da técnica aos meios de produção, essência do que vem a ser inovação, ganha maior significado. Os trabalhos de Schumpeter podem ser observados em, essencialmente, três fases: Schumpeter I (Teoria do desenvolvimento econômico, de 1911), Schumpeter II (Ciclos Econômicos, de 1939) e Schumpeter III (Capitalismo, Socialismo e Democracia, de 1942). Schumpeter desenvolve, ao longo de suas obras, a essência sobre a importância da inovação como mecanismo propulsor dos ciclos de expansão e retração do capitalismo ocidental. Sua discussão sobre a lógica da inovação, sobre a importância do empreendedor, sobre o papel da inovações disruptivas e, mesmo, sobre as dinâmicas distintas entre as inovações relacionadas a 1ª Revolução Industrial e 2ª. Revolução Industrial passam a ser fundamentais para a compreensão do que vem a ser o capitalismo ocidental a partir do séculos 19 e 20.

Posteriormente, a partir da década de 80 do século 20, a abordagem neo schumpeteriana com Richard Nelson, Freeman, Rosemberg e Dosi retoma, com maior ênfase, a importância da inovação e da firma privada como mecanismo de expansão capitalista ocidental.

Ao longo desta trajetória um aspecto chama atenção, é o papel central que a firma, essencialmente privada, cumpre para a materialização daquilo que chamamos de capitalismo ocidental. A lógica de expansão deste capitalismo é essencialmente “**firmocêntrica**”, onde a firma privada possui um papel de elemento dinamizador da expansão capitalista

através das inovações engendradas no seu interior. Esta lógica passa a ser sistêmica, passa a ser a essência e a principal característica do capitalismo ocidental, ou capitalismo central.

## **2) Desenvolvimento tecnológico no capitalismo Latino**

### **Americano, a inovação na Periferia**

A compreensão sobre o capitalismo latino americano, ou capitalismo periférico, deve ser considerada a partir da constituição e integração destas economias latino americanas às economias ocidentais. Desta forma, faz-se necessário compreender a processo de ocupação, e exploração, destes países por parte das metrópoles coloniais. É importante compreender que mesmo no surgimento do capitalismo ocidental seu processo de expansão não foi semelhante entre todos seus núcleos, é possível verificar que a expansão do capitalismo ibérico ocorreu com uma dinâmica distinta do processo de surgimento, e expansão, do capitalismo anglo saxão.

O capitalismo ocidental ibérico, em especial o português, foi fruto de um esforço concentrado do Estado na organização dos meios de produção (Faoro, 1958). A forte coordenação do Estado, e seu aparato público, junto a burguesia possibilitou uma maneira eficaz de exploração da colônia. Esta lógica se consolida ao longo do processo de ocupação, mantendo este “padrão”, de coordenação do Estado através de seu aparato, no período de independência das colônias. De todo modo, existiu uma forte proximidade entre as economias periféricas e centrais viabilizada através do processo de ocupação/exploração, principalmente, econômica e política.

Ao mesmo tempo, esta lógica e proximidade, das economias latino americanas em relação às economias centrais, permiti afirmar que “a América Latina foi, ao lado da periferia européia, capaz de inserir-se cedo na onda de desenvolvimento econômico

moderno e de fazer parte de uma espécie de ‘classe média do mundo’” (Bértolo e Ocampo, 2015: 04).

Porém, é com a consolidação da Revolução Industrial que pode-se verificar uma “grande divergência” entre o ritmo de crescimento do universo dos países centrais ocidentais e o universo do países periféricos latino americanos (Bértolo e Ocampo, 2015). O núcleo principal desta mudança está centrado na capacidade de desenvolvimento do “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”. A elevada capacidade, por parte da firma privada, de engendrar a inovação como agente central, e polinizador, do modelo capitalista ocidental permitiu aos países centrais a adoção de um padrão, essencialmente schumpeteriano, de destruição criativa.

Assim, o capitalismo periférico latino americano nasce como um prolongamento das relações sócio-econômicas presentes nas metrópoles ibéricas, que já naquele momento ocupavam um papel secundário na dinâmica capitalista ocidental, o que pode ser em parte explicado pela sua lógica de organização nas relações Estado/ público/privado e na relação capital/trabalho. A luz deste prolongamento, o capitalismo periférico latino americano tendeu, e de fato, reproduziu uma forma de organização Estado/público/privado e capital/trabalho onde o papel daquele que vem a ser o “empreendedor schumpeteriano” passa a ser secundário, ou mesmo desnecessário e, por que não, mal visto. Esta negligência a firma privada, na realidade capitalista periférica da América Latina, é totalmente contrária à realizada do capitalismo ocidental, onde a firma privada possuiu um papel central no processo de dinamização na “máquina” capitalista, pois é dentro dela que se instala o “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”.

## **2.1) A alternativa para o crescimento: o caminho cepalino**

A Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) talvez seja o maior, e por que não, único esforço teórico de reflexão sócio-econômica efetivamente autônomo por parte dos países periféricos. Embora, como construção teórica e conceitual, a Abordagem Cepalina<sup>6</sup> seja uma abordagem criativa e pertinente para a compreensão do desenvolvimento e subdesenvolvimento periférico ela é, em parte, bastante negligenciada pelo pensamento econômico ocidental<sup>7</sup>. Como afirma Bielschowsky (2000: 16) “o ponto de partida para o entendimento da contribuição da CEPAL à história das idéias econômicas deve ser o reconhecimento de que trata-se de um corpo analítico específico, aplicável a condições históricas próprias da periferia latino-americana. Talvez por essa razão, quando se busca nos principais compêndios de história da teoria econômica a presença do pensamento cepalino as referências são escassas (...) Essa ausência por vezes leva a que se desconheça a força explicativa desse corpo analítico, que deriva de uma fértil interação entre, por um lado, um método essencialmente histórico e indutivo e, por outro, uma referência abstrato-teórica própria, a teoria estruturalista do subdesenvolvimento periférico latino-americano”.

Os estudos da CEPAL buscaram não só mapear o processo de “grande divergência” destacado por Bertola e Ocampo, buscaram também interpretar este processo e, quando necessário, indicar alternativas à inserção produtiva dos países periféricos latino americanos. É importante destacar que a Abordagem Cepalina não possui uma abordagem estanque, sua abordagem permite uma adequação da reflexão frente aos acontecimentos contemporâneos possibilitando assim uma

---

<sup>6</sup> Aqui o termo “Abordagem Cepalina” se confunde com a “abordagem estruturalista” e, posteriormente, “neo estruturalista”

<sup>7</sup> Mesmo autores de abordagem heterodoxa como Ha Joon-Chang creditam à Abordagem Cepalina, de forma equivocada, uma importância menor.

leitura pragmática e realista frente os problemas da região. Foi este tipo de construção teórica que permitiu a afirmação de que “a industrialização na América Latina foi fato antes de ser política, e foi política antes de ser fato” (Love, 1998).

Desta forma, é necessário compreender a evolução da Abordagem Cepalina ao longo do tempo, ao longo das mudanças de sua interpretação sobre a problemática do crescimento e desenvolvimento para a região. Grosso modo, é possível dividir a Abordagem Cepalina em dois grandes momentos, que se complementam historicamente, a estruturalista e a neo estruturalista. Entretanto, é interessante observar sua construção teórica de forma mais completa. Neste sentido, Bielschowsky (2000) apresenta um quadro analítico bastante interessante ao dividir o pensamento cepalino em momentos, ou períodos, onde modifica-se: a inserção internacional, as condições estruturais internas do crescimento/progresso técnico e do emprego/distribuição de renda, e ação estatal. De maneira a buscar uma simplificação, do quadro síntese de Bielschowsky, a idéia neste trabalho é dividir a teoria da Abordagem Cepalina em dois grandes momentos:

- a) a CEPAL histórica, que se sub divide em quatro gerações sendo: i) a primeira geração (1948-1960) onde se verifica a agenda da industrialização; ii) a segunda geração (1960) onde a reflexão teórica se centra nas discussões sobre reformas; iii) a terceira geração (1970) onde se debate sobre os estilos de crescimento; e iv) a quarta geração (1980) onde se discute os aspectos e impactos do problema da dívida;
- b) a CEPAL contemporânea, baseada na agenda neo estruturalista onde a reflexão é sobre a transformação produtiva com equidade.

Como afirmar Rodríguez (2009), a Abordagem Cepalina buscou interpretar a evolução das economias periféricas latino americanas a partir várias análises e óticas. Sua atenção recai sobre vários temas: as condições de deterioração dos termos de troca, a industrialização tardia, o processo de desenvolvimento desigual (crescimento para dentro e para fora), as vulnerabilidades dos países periféricos, as relações de trabalho/emprego, a inflação, as relações de dependência, a integração regional, o acesso à democracia, a distribuição de renda, as modalidades de crescimento, a capacidade de inserção internacional, a heterogeneidade estrutural, as relações de trabalho, as pré condições históricas para sua industrialização, a deterioração dos termos de troca, as modalidades de desenvolvimento/crescimento e a incorporação da técnica aos meios de produção.

Um ponto que chama a atenção, e que normalmente é alvo dos críticos à Abordagem Cepalina, é o aspecto relacionada a integração das economias latino americanas ao mercado mundial, e posteriormente global. Este tema já esta presente na abordagem cepalina histórica de 1ª. geração, conforme pode ser observado no trabalho seminal de Prebisch (1949) “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais”. É importante destacar que, diferentemente do que afirmam os críticos, a Abordagem Cepalina sempre destacou a importância da integração comercial da América Latina, o que a abordagem considera é a dificuldade de ganhos de produtividade dos países da região frente aos países centrais em função, principalmente, da defasagem técnica incorporada aos diversos processo produtivos.

Esta discussão, a respeito da defasagem técnica, permanece presente ao longo do pensamento cepalino histórico e

contemporâneo. Na verdade, a atenção a respeito do que vem a ser chamado de “núcleo endógeno de dinamização tecnológica” ganha ainda mais força com a abordagem neo estruturalista. Os trabalhos de Fernando Fajnzylber (1981; 1983; 1990), que buscam focar o processo de competitividade dos países da região, dão à temática “técnica” um papel relevante na discussão sobre crescimento/desenvolvimento e equidade. O grande desafio passa a ser a capacidade de se construir um processo de desenvolvimento técnico autônomo, que permita a superação do processo de substituição de importações<sup>8</sup>.

A abordagem de Fajnzylber resgata uma forte influência do pensamento schumpeteriano, já presente nas obras de Prebisch e Furtado. Para Fajnzylber o processo de ganhos de competitividade devem passar por um caminho que permita a incorporação de inovações técnicas geradas através do um “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”, para isso faz-se necessário o desenvolvimento de Sistemas de Inovação capazes não só de abrir a “caixa preta” da técnica mas também de, ele próprio Sistema de Inovação, elaborar sua própria “caixa preta”.

As premissas de Fajnzylber indicam os caminhos a serem seguidos pela abordagem neo estruturalista da Abordagem Cepalina. No tocante a incorporação da técnica, ao longo do processo de substituição de importação (presente na discussão da Cepal histórica de 1ª e 2ª geração), existe um crítica à lógica de incorporação tecnológica, considerada inadequada à realidade local, muitas vezes se apresentado como uma “cópia grosseira” da tecnologia desenvolvida no Centro (Rodríguez, 2009). O progresso técnico deve ser gerado endógenamente, preferencialmente dentro das empresas público ou privada, e constituído em um ambiente social e economicamente adequado.

---

<sup>8</sup> Tema discutido anteriormente pela Abordagem Cepalina através, principalmente, dos trabalhos de Tavares e Serra (1971).

Para os neo estruturalistas, as formas de absorção da tecnologia podem se materializar sob duas formas: a) de forma passiva, com um viés essencialmente neo clássico “*a la Solow*” (Solow, 1956), ou b) ativa, com ênfase na criatividade e no aprendizado (Rodríguez, 2009). A forma passiva esteve sempre presente ao longo do processo de substituição de importações, este processo trouxe, efetivamente, alguns ganhos técnicos ao processo produtivo mas alienou o movimento de geração de inovações internas às firmas (público e privada) ao não decodificar a lógica da própria técnica e não transformá-la em capacidade e competência inovadora. Por sua vez, a ativa, historicamente, pouco se manifestou. Parte das dificuldades de superação do processo de substituição de importações, exposto por Tavares e Serra (2000), está relacionada à ausência de uma adequada forma de absorção técnica de característica ativa.

### **3) O papel do Estado**

A compreensão a respeito da lógica de expansão do capital ocidental passa, como vimos anteriormente, pela rápida capacidade do capital em se reinventar através de uma dinâmica essencialmente schumpeteriana de “destruição criativa”. O agente polarizador desta “destruição” foi a firma privada que, desde o início da 1ª Revolução Industrial, sempre teve clareza da dinâmica do movimento que leva à geração da inovação, conforme observou-se no início deste trabalho. É justamente este processo que permite afirmar a dinâmica “**firmocêntrica**” do capitalismo ocidental.

Por sua vez, o capitalismo periférico latino americano possui uma dinâmica de expansão distinta da dinâmica dos países centrais (ou ocidentais). Sua lógica de funcionamento é influenciada, de forma determinante, pelas estruturas sociais herdadas historicamente pela metrópole. Desta forma, ao se

analisar a região da América Latina faz-se necessário considerá-la a luz da influência das antigas metrópoles ibéricas. Nestes casos, houve uma forte influência do Estado, e do seu estamento, na organização das formas de exploração e relações sociais constituídas (Faoro, 1958).

É importante ressaltar que no modelo de capitalismo periférico latino americano a firma pode ser enquadrar sob três óticas: a) a firma privada, b) a firma pública e c) semi-pública. Este enquadramento sofre variações no decorrer do tempo ao se verificar uma sofisticação da ação pública como agente financiador e “parceiro” do empreendimento privado através do mercado de capitais (Lazzarini, 2004; Mussachio e Lazzarini, 2014).

No caso brasileiro este fenômeno é bastante claro. Desde sempre o Estado nacional esteve presente ao longo do processo de produção, agrário ou industrial, seja autorizando a atividade econômica, seja regulando, incentivando o processo produtivo e, mesmo, produzindo. É importante ter clareza de que isso é uma característica dos países periféricos, não deve-se ver este processo a luz de um “juízo de valor” sobre o ser ou não ser público.

No caso da industrialização, pós 2ª Grande Guerra até meados da década de 80 do século 20, onde a Abordagem Cepalina teve forte influência intelectual sobre os “fazedores de política”, o Estado possuiu uma papel de vanguarda na indução do processo produtivo. Esta lógica levou a firma privada para um processo de acomodação, em que ela não assumi uma papel de vanguarda para a expansão do capital e passa a ser um agente que se move de forma derivada à capacidade do Estado em dinamizar o processo de expansão do capital (Oliveira, 2015).

A partir desta linha de raciocínio Henry C. Wallich em seu trabalho seminal “Algumas notas para a teoria do desenvolvimento derivado” de 1958, chamava a atenção sobre os baixos mecanismos de incentivos presentes para que a firma privada atuasse de forma inovadora na América Latina. Para o autor, o risco inerente ao processo inovativo no capitalismo periférico latino americano ficava sob responsabilidade do Estado, cabendo a firma privada absorver os ganhos oriundos da inovação que surgia, eventualmente, da firma pública (Wallich, 1958).

Ainda no caso brasileiro, atualmente este quadro não se modificou de forma significativa. Ao se verificar a sedimentação do “núcleo endógeno de dinamização tecnológica” no país é possível observar o papel estratégico que o investimento público possuiu, historicamente, na criação dos “campeões nacionais tecnológicos” como: Fiocruz, Embrapa, Embraer, Petrobras e Vale. É nestes campeões que repousa o “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”, sendo que é nestes setores que o país conseguiu afirmar, e desenvolver, um processo tecnológico autônomo e que permitiu uma maior inserção nos mercados globais, a luz de uma lógica de ganhos de competitividade meritório como defendia Fajnzylber e pelas economista da Abordagem Cepalina a partir de sua abordagem neo estruturalista (Bárcena e Prado, 2015).

A experiência bem sucedida dos “campeões nacionais tecnológicos” brasileiros explicita a divergência entre as dinâmicas do capitalismo periférico e do capitalismo ocidental. Ao olhar para o centro dinâmico do capitalismo periférico é possível verificar que é essencialmente o Estado o agente dinamizador de seu “núcleo endógeno tecnológico”, caracterizando aquilo que podemos chamar de dinâmica **“estadocêntrica”**.

#### 4) Conclusões

Para uma compreensão sobre a dinâmica de crescimento e desenvolvimento da América Latina faz-se necessário analisar as especificidades que caracterizam e diferenciam o capitalismo latino americano do capitalismo ocidental. É a partir da compreensão destas diferenças que a construção das políticas públicas para as firmas, públicas e privadas, ganham uma possibilidade real de efetividade.

É importante ter em mente que o capitalismo ocidental é, na sua essência, distinto do capitalismo periférico latino americano. Seus centros dinâmicos não possuem a mesma lógica, nem os mesmos mecanismos de incentivo. Como visto anteriormente, o capitalismo ocidental possui uma dinâmica “**firmocêntrica**” onde a firma privada é a grande responsável pelo elemento chave do processo de acumulação capitalista ou seja o “núcleo endógeno de dinamização tecnológica”. Por sua vez, no capitalismo periférico latino americano a ausência da firma privada foi suprida pela forte presença do Estado através da firma pública ou semi-pública, dentro de uma lógica essencialmente “**estadocêntrica**”. Em ambos os casos, é importante ter em mente, que este fenômeno foi uma construção historicamente concebida.

A tentativa de compreender e, a partir daí, construir políticas públicas para o capitalismo periférico latino americano a luz do capitalismo ocidental trouxe, traz e, necessariamente, trará resultados equivocados. A realidade latino americana é, assim como a realidade dos países capitalista centrais, bastante específica. É nesta especificidade que repousam os elementos que irão permitir a compreensão de sua verdadeira dinâmica. É somente através de sua compreensão que será viável trilhar o

caminho para um crescimento possível, específico e sustentável a longo prazo dentro da perspectiva já destacada por Furtado.

## **Referências bibliográficas**

BÁRCENA, A.; PRADO, A. (Orgs). **Neoestructuralismo y corrientes heterodoxas en America Latina y el Caribe a inicios del siglo XXI**. Chile: CEPAL (2015)

BÉRTOLA L.; OCAMPO J.A. **O desenvolvimento econômico da America Latina desde a independência**. São Paulo: Elsevier (2015).

BIELSCHOWSKY, R.. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL, uma resenha. Em: Em: BIELSCHOWSKY, R. (orgs). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Ed. Record. SP/SP (2000).

FAJNZYLBER, F. **Industralizacion e internacionalización en America Latina**. México: Fondo de Cultura Económica (1981).

\_\_\_\_\_. *Industrialización en America Latina: da La cajá 'negra' AL 'casillero vacío'. Comparación de patrones contemporâneos de industrialización*, **Cuadernos de la Cepal**, n. 60. Santiago do Chile, Cepal (1990).

\_\_\_\_\_. **La industrialización trunca de America Latina**. México: Nova Imagem (1983).

FAORO, R. **Os donos do Poder. Formação do patronato político brasileiro**. Editora Globo (1958).

LAZZARINI S.. **Capitalismo de laços**. Ed. Elsevier, RJ (2004).

LOVE, J.L. **A Construção do Terceiro Mundo**. As teorias do Sub desenvolvimento na Romênia e no Brasil. Ed. Paz e Terra. SP/SP (1998).

MUSACCHIO, A. e LAZZARINI, S.. **Reinventando o Capitalismo de Estado**. Ed. Elsevier, RJ (2014).

OLIVEIRA, L.G. *Expansão Cíclica da Economia Brasileira: um resgate da abordagem de demanda derivada de Wallich*. **Revista de Pesquisa em Política Públicas - RP3**, n.1, 2015., Brasília/DF. (2015)

RODRÍGUEZ, Octavio. **O Estruturalismo Latino-americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (2009).

SOLOW, R.M. "A contribution to the theory of economic growth", **Quarterly of Journal of Economics**, vol. 70 (1956)

TAVARES, M.C. e SERRA J.. *Além da estagnação: uma discussão sobre o estilo de desenvolvimento recente do Brasil*. Em: BIELSCHOWSKY, R. (orgs). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Ed. Record. SP/SP (2000).

WALLICH H.. Algumas notas para uma teoria do desenvolvimento derivado, em: AGARWALA A.N. e SINGh S.P.. **A economia do Subdesenvolvimento**. Ed. Contraponto, RJ (2010).